

Bruno Vieira Amaral

As Primeiras Coisas

«A mim, a única coisa que me preocupa agora é recordar com todo o pormenor o que fiz amanhã e esquecer para sempre o que farei ontem.»

JUAN MARSÉ, *O Feitiço de Xangai*

«Por toda a Hiroxima, as paredes e outras estruturas que permaneceram de pé preservaram sombras de pessoas ou de objectos. Todas elas na direcção do clarão de luz. A criação de tais imagens é semelhante à marca deixada no braço por um relógio no fim de um dia ao sol na praia.»

CHARLES PELLEGRINO, *O Último Comboio de Hiroxima*

*Para os meus filhos, Gabriel e Mariana.
Para a minha mulher, Susana.*

Prólogo



QUANDO, EM FINAIS DOS ANOS NOVENTA, voltei costas ao Bairro Amélia, com os seus estendais de gente mórbida, a banda sonora incessante das suas misérias, nunca pensei que a vida me devolveria ao ponto de partida. Naquele dia final, enquanto olhava pela janela do carro, senti uma onda de orgulho a alastrar pelo meu peito, uma sensação de triunfo. Dava um belo *travelling*. Estou em crer que a rádio passava uma peça da *Suite Bergamasque*, embora não o possa jurar. A memória trai-me. A sorte dos que lá ficavam era-me indiferente. Cresci com a ideia de que só os derrotados, os vagabundos e os infelizes não saíam de lá, pessoas que se confundiam com a paisagem, os candeeiros de globos partidos, as balizas ferrugentas do Arregaça, as paredes encardidas, os bancos lascados dos parques. Estes ensinamentos foram-me inoculados sem especial zelo pela minha família, transmitidos quase como um ruído de fundo que acaba por se integrar no nosso pensamento, o rumor que se ouve quando tudo está em silêncio. Saí para o mundo convicto da vitória e regressei, cabisbaixo, com o fardo do meu fracasso. Não importa detalhar o insucesso. Direi apenas que a queda não foi tão espectacular que me levasse a acreditar no destino, nem tão imperceptível que não me envergonhasse. Foi um fracasso ordinário e marcante. No final nem sequer tive direito a uma depressão, à varanda de onde pudesse usufruir da contemplação

pantanosas de uma vida cheia de estilhaços. Houve até um momento patético que, a esta distância, vejo como remate ilustrativo desses tempos não muito turbulentos. No dia em que saí de casa, pondo fim a uma vida em comum de oito anos, encontrei no caixote do lixo o exemplar de *Os Versos do Capitão*, de Pablo Neruda, que há muito tempo, apaixonado e previsível, oferecera a Sara. Não sei se ela o chegou a ler (num daqueles arroubos românticos que, em ocasiões anteriores, me tinham levado a recitar um soneto insidioso de Camilo Pessanha com o Tejo em fundo, é possível que eu lhe tenha lido um desses poemas, encostado às suas coxas nuas, beijando-lhe os seios, dois filhos gêmeos da gazela) mas, ainda que não tenha sido assim, a visão daquele livro atirado para o lixo transportou-me para o interior de uma canção de Chico Buarque. Este acontecimento menor poupou-me a meses de psicólogos e ansiolíticos. Digam o que disserem, encontrar consolo na arte é um razoável substituto da religião.

A minha mãe acolheu-me com impecável sentido de responsabilidade e o sentimento da mal disfarçada incomodidade de quem recebe um presente que não aprecia ou de quem não precisa. Resignou-se. Na altura, acusei-a intimamente por me ter recebido assim. Aproveitei esta ocasião para corrigir esse erro. Convencemo-nos de que as mães católicas sofrem muito quando os filhos varões saem de casa e estão sempre desejosas de um regresso para o qual contribuem com pequenas artimanhas, censuras às noras e outras armas do arsenal da mãe latina. Mas a mãe portuguesa é capaz de grandes crueldades protestantes, de um desprendimento que, por ser inesperado e um tanto alheio à sua natureza, é de mais difícil digestão. No entanto, sei-o hoje, a minha mãe sofria com o revés na minha vida e não queria que o excesso de afagos a tornasse cúmplice moral da derrota.

Foi assim que me encontrei de regresso ao Bairro Amélia: desempregado, desamparado, um pouco órfão, de volta ao lugar

feliz de umas férias longínquas para encontrar apenas o mesmo cenário físico¹ e nenhuma das razões imateriais da felicidade de outrora.² Os meus amigos já lá não estavam, as pessoas que eu amara tinham morrido, a idade não me permitia voltar aos lugares queridos – a escola primária, o parque, o campo de futebol, a varanda da minha casa fustigada pelo sol das três da tarde – sem sentir que o meu corpo era demasiado grande para o tamanho desses espaços na memória, que eu era demasiado novo para o conforto da nostalgia, demasiado velho para reviver sem culpa certas alegrias da infância. É verdade que voltara ao bairro várias vezes, para visitar a minha mãe, para o funeral de Fernando, para votar na antiga sala de aulas onde escrevi uma composição imberbe dizendo que o amor não tem definição, e que, nesses breves regressos, era a mim próprio, e ao homem em que me tornara, e não ao lugar da minha infância, que eu contemplava, ingenuamente satisfeito com o meu trajecto.

Regressar assim foi uma espécie de rendição, um cessar-fogo forçado. Uma história que sempre me fascinou foi a da derrota dos japoneses na II Guerra Mundial, sobretudo a destruição de Hiroxima e Nagasáqui. A origem do fascínio talvez resida na forma como tive conhecimento dela. Uma das nossas vizinhas, dona Ilda, distribuía com fervor a propaganda religiosa das Testemunhas de Jeová. Os nomes das publicações eram um tanto medievais: *A Sentinela* ou *Desperta!* Esta última

¹ Para quem vive sempre no mesmo lugar, as alterações são quase imperceptíveis e é como se nada tivesse mudado. Mesmo a construção de um edifício amplo, como o do Mercado, surge como um desenvolvimento orgânico. Para quem se afasta por um período mais ou menos longo, o regresso aumenta o grau de novidade dessas mudanças. Para mim, o Mercado aparecera do nada, repentinamente implantado na paisagem.

² Dessa felicidade distante sobram escassos vestígios materiais: duas fotografias estivais, um carrinho Matchbox, um livro ilustrado, um pinheiro que servia de poste de baliza pequena e que adquirira uma dimensão admirável, mas desumana.

abordava temas de interesse geral que só no fim eram submetidos à conveniente leitura religiosa. Foi numa dessas revistas que li pela primeira vez sobre o naufrágio do Titanic, a sida ou a bomba de Hiroxima.

Especializei-me em catástrofes. Aos sete anos, sem saber, era um milenarista, deslumbrado pela ideia do fim do mundo. Relia as revistas. Emocionavam-me sempre. Era a cadência da narrativa do filme-catástrofe: o dia limpo, as crianças a caminho da escola, a partida do porto de Southampton no dia 10 de Abril de 1912, o mar calmo, o clima festivo de sexualidade desenfreada, depois as primeiras nuvens no horizonte, os indícios da desgraça, o embate no icebergue, o clarão mortal, as primeiras vítimas da então chamada praga gay. Quando damos conta estamos perante uma tragédia de proporções inimagináveis. Segue-se a investigação, as causas, *Ground Zero*, paciente zero. Demorava-me nos preâmbulos. Queria que a tensão permanecesse no ponto em que ainda era possível voltar atrás: as pequenas histórias dos passageiros do Titanic – a senhora que não quis abandonar o compartimento, a banda a tocar enquanto o navio se afundava –, dos homossexuais de São Francisco, da vida dos habitantes de Hiroxima na véspera da explosão – por exemplo, a do pai que haveria de lamentar para sempre o facto de não ter dado arroz ao filho na última refeição. Para mim, a história perdia o travo distintivo no início do parágrafo em que a tragédia se anunciava ou consumava. No final chegavam as conclusões e os ensinamentos morais, acabamentos óbvios que me desagradavam. Tão centradas na ideia do fim, as religiões formam exércitos de seres humanos impressionáveis, sensíveis às imagens de catástrofes, às histórias de cataclismos.

Desenvolvi uma sensibilidade apocalíptica. Daí a obsessão pela derrota dos japoneses após a destruição de Hiroxima e Nagasáqui. Comparo o efeito íntimo de determinadas derrotas pessoais ao que os japoneses, enquanto povo, terão sentido quando viram o divino imperador juntar-se aos mortais e acenar

a bandeira branca da capitulação. A analogia não é totalmente exacta porque, se virmos bem, os olhares perscrutadores e rapaces dos outros, com a sua curiosidade um tanto malévola, são juízes mais severos do que qualquer tribunal internacional ou do que a própria justiça das nações. O que é para um homem a vergonha abstracta de um país quando comparada com a sua vergonha pessoal, as dores silenciosas da sua humilhação? No grande plano da História, o sofrimento é sobrevalorizado pelo colectivo e diluído na multidão. No plano fechado do indivíduo, as angústias têm de ser digeridas a frio, na solidão, sem que ninguém nos possa valer.

Certa manhã, tempos após o meu regresso ao bairro, fui comprar pão, planeei beber café e comprar buchas e parafusos para instalar prateleiras no meu quarto, necessárias à acomodação de dezenas de livros e DVDs, únicos despojos que restavam da minha separação. Foi o primeiro confronto com aquele universo que, em parte, eu já não conhecia.

Os miúdos que passeavam na rua ainda não eram nascidos quando eu saí do bairro, algumas lojas tinham fechado, outras mudado de gerência, tinham asfaltado ruas e inaugurado um moderno e funcional mercado, quase todas as varandas tinham sido fechadas com marquises de alumínio. Reconheci pessoas, agora mais velhas, mais cansadas, que conhecia de vista, o que me proporcionou um certo conforto, como se aqueles rostos significassem uma permanência, uma ligação ao que eu tinha sido, e que, apesar disso, não me pudessem julgar porque não me conheciam ou não se lembravam de mim. Eram como estátuas, nomes de ruas, árvores, recordações permanentes de outro tempo. Fiquei agradecido por ainda existirem. Não lhes podia falar porque me encontrava num estado de encantamento – um sonâmbulo a vaguear pelas ruas do bairro, um ser fora do tempo e fora de si, usando roupas que já não lhe servem, usando uma pessoa que já não lhe serve.

Entrei num café que fora remodelado durante a minha ausência. Os antigos donos eram um casal de bichos tímidos que ficavam muito surpreendidos, à beira da indignação, sempre que algum cliente lhes pedia mais do que um café e um copo de água. Senti-me anónimo, quase invisível. O café estava clinicamente limpo, com todos os avisos legais de consumo e venda de bebidas alcoólicas expostos nos sítios adequados, múltiplas pastas com os registos de temperaturas e limpezas de acordo com o exigido pelas normas, as paredes pintadas de tons quentes, mesas e cadeiras a imitar mogno, móvel para o pão, uma iluminação simpática, amigável, enfim, tudo sem a graça antiquada dos velhos cafés do bairro. Agora era um «espaço» e, para piorar tudo, «moderno». Uma tristeza. Não conhecia a rapariga que me atendeu, mas era como se nos tivéssemos cruzado há muito tempo ou, como dizem as pessoas que só lêem revistas de trivialidades, como se a conhecesse de outra vida. Não quero introduzir uma nota sobrenatural. Tinha um rosto comum. Lembrava-me alguém. Só não sabia se era uma actriz de cinema ou de televisão, alguém que eu tinha conhecido na vida real ou uma aparição num sonho. Essa incerteza era fonte de ânimo e de inquietação, porque, mais do que qualquer outra coisa, atemorizava-me a ideia de um passado comum e terrível. Simpática, os cabelos encaracolados e o sorriso espontâneo provocaram-me um estremecimento dos sentidos que atribuí à minha vulnerabilidade temporária, sazonal, como um adolescente que se impressiona com a beleza da rapariga que vem de fora e só por isso se torna apetecível. Saboreei o café, prolonguei o prazer, peguei no jornal.

Como é do conhecimento geral, no que diz respeito à aquisição de jornais, os cafés regem-se por um decreto imaginário que os obriga a disponibilizar aos clientes o *Correio da Manhã* e um jornal desportivo. Li algumas notícias sem interesse. A única que me chamou a atenção foi a breve na última página sobre mais uma vítima de acidente com tractores. Desta vez tinha sido

em Penacova, distrito de Coimbra, onde por acaso eu tinha estado há muitos anos ou, pelo menos, tinha a impressão de lá ter estado.³ Um sexagenário ficara preso debaixo do veículo e apesar de prontamente socorrido pelo INEM dera entrada no Hospital de Coimbra já cadáver. Era um fenómeno a que eu começara a prestar atenção há pouco tempo, este dos acidentes mortais com tractores. Pelas minhas contas, nos últimos dois meses, era o oitavo ou nono do género relatado pelo jornal. Não o equivalente a uma guerra civil nas estradas, antes uma pequena insurreição armada nos campos. Nada perturbado por esta contabilidade tétrica, saí do café, na mão o saco com quatro bolinhas de água mal cozidas.

Percorrendo as ruas fui descobrindo coisas espantosas que lá ocorriam desde sempre, disfarçadas sob uma máscara ténue de normalidade: um viúvo que, depois de se reformar, passava as tardes sentado no carro, a porta aberta, a perna esquerda fora, a direita dentro; um sujeito tão magro que se podia tomar por uma figura de cartão, ideia reforçada por andar de bicicleta e, sobretudo, por nela carregar o papelão que recolhia nos contentores do lixo; a mulher que, com uma regularidade cronométrica, vinha à janela, olhava para um lado e para o outro, como se aguardasse há muito a chegada de alguém. Eram três exemplos de situações que – creio ser esta a melhor formulação

³ Em miúdo era cruel para as pessoas que não conseguiam relatar com precisão acontecimentos, que discutiam o ano em que uma tragédia pessoal ocorrera. Via isso como um descuido inaceitável em relação à própria vida. Não foi preciso chegar a uma idade muito avançada para que as dúvidas me comessem a assaltar: datas, locais, pessoas, tudo se misturava na minha cabeça num lodo de confusão e esquecimento. Não sei mesmo dizer se alguma vez estive em Penacova, se foi algum amigo que passou férias em Penacova, se Penacova era a terra natal de uma das minhas vizinhas. O último censo diz que Penacova é uma vila do distrito de Coimbra, com 15 251 habitantes, mas não me esclarece sobre se alguma vez lá estive. São estes os limites da sociedade de informação.

– aconteciam desde sempre e pela primeira vez. Se olharmos para as coisas com alguma distância, retirando-as do contexto, deixando-nos contaminar pela estranheza, tudo, tudo mesmo, adquire uma aura macabra e repetitiva, singular, reconhecível, que se mistura com a substância dos sonhos, a matéria das mentes perturbadas. Penso sempre, não sei porquê, que talvez a resposta esteja naquela revista antiga que não resistiu às traças: nos sobreviventes de Hiroxima, no clarão absoluto que os cegou, no mundo irreal em que foram condenados a viver a partir desse momento, no segundo em que uma luz fenomenal e terrível se acendeu, iluminando-lhes a vida de escuridão.⁴ Também nós deveríamos olhar para as coisas sob esse novo ângulo de luz, passando os dedos pelas arestas invisíveis, estabelecendo ligações musicais, sinfónicas entre, por exemplo, a perna esquerda do homem do carro e a frequência cardíaca da senhora que assoma à janela. Haverá em toda esta sequência aparentemente aleatória de acontecimentos não uma ordem metafísica mas, sem dúvida, uma harmonia, um ritmo, uma canção, um segredo que não se ouve, que não se vê e, no entanto, existe. Os canteiros onde cresciam arbustos espinhosos mantinham um perene aspecto de desleixo e crescimento natural como se a função dos trabalhadores da Câmara fosse apenas a de garantir que a natureza seguia

⁴ Ler os testemunhos dos sobreviventes da explosão (chamados *hibakusha*) é um exercício fascinante: às 8h15 da manhã de 6 de Agosto de 1945, segunda-feira de céu azul, aviões norte-americanos cruzaram os céus. As sirenes de aviso tocaram, mas poucos consideraram o perigo. Ouviu-se o silvo prolongado de um objecto em queda. Seguiram-se um clarão repentino (azulado, amarelado, as opiniões divergem), as ondas de choque, a onda de calor e a escuridão total. Alguns dos sobreviventes foram projectados para o ar. Outros sentiram o odor inconfundível da própria carne queimada. Quando recuperaram os sentidos estavam rodeados de mortos e de feridos com os rostos liquefeitos, cobertos de sangue. No rio boiavam centenas de cadáveres. Coincidem numa recordação posterior: o cheiro dos crematórios nos dias seguintes.

o seu curso sem interferência autárquica. Não era possível encaixá-los em qualquer ordem metafísica desconhecida.

Entrei na Drogaria Macondo.⁵ Fui atendido pelo senhor Neves. Apesar de me conhecer desde que eu era um miúdo, não demonstrou qualquer familiaridade. Tinha o cabelo todo branco. Tremia um pouco das mãos. Notava-se um esforço para distinguir as pessoas. Julguei-o senil. Confiei que não me reconheceria. Recitando o meu breviário de bricolage, pedi parafusos e buchas de seis milímetros. Enquanto o senhor Neves se dedicava a uma pesquisa demorada no interior da loja, observei aquele universo de quinquilharias, pequenos utensílios, componentes eléctricos que, juntos, sem que eu pudesse evitá-lo, me traziam à memória períodos da minha infância, entre os seis e os nove anos: a caixa de ferramentas que o meu avô guardava no contador da água, uma gaveta do móvel da cozinha com parafusos e anilhas, tachas e tomadas, fios de ferros de passar e elásticos dentro de papéis ou uma arcaica gaiola para grilos. Entristeci ao pensar nas maçãs de cera e plástico na fruteira da cozinha, no cheiro dos guarda-chuvas arrumados a um canto da casa de banho, nos três espelhos nas portas de um armário em que vislumbrava partes remotas da minha anatomia. Senti-me perplexo, vago, estrangeiro. O senhor Neves regressou arrastando os pés. Embrulhou as peças numa folha de lista telefónica, fez as contas num bloco e, quando se preparava para me dar o troco, perguntou-me:

«Então agora estás aqui?» Como não respondi de imediato, continuou: «És o filho da Celeste, não és?»

⁵ A origem do nome não é literária. Denuncia apenas a origem dos proprietários. O senhor Neves e a mulher tinham uma roça em África, na província do Moxico, mais precisamente nos arredores (força de expressão) da cidade de Macondo. No Bairro Amélia havia também o bazar Malange, a frutaria Namibe e a papelaria Huambo, do senhor Aires. Cafés, havia O Nortinho, O Minhoto e O Alentejano, sendo que nada, excepto o nome, associava os cafés à terra natal dos seus proprietários.

Atrapalhado, respondi com excesso de solicitude para garantir que também eu o reconhecera, embora tenha de concluir que, dessa forma, me limitara a revelar a débil tentativa de não expor a minha identidade:

«Sim, sou eu, senhor Neves.»

A rapidez da resposta era a de um criminoso inexperiente apanhado em flagrante. Para agravar, tratei logo de confessar tudo, de explicar, sem que ele me tivesse perguntado, o que me trouxera de volta ao bairro, o despedimento, a separação, a inépcia para a vida prática. Por incompreensível pudor não lhe falei sobre Ana Mendes, grande cabra, a responsável pela não renovação do contrato, pelo início da derrocada. Ana Mendes, grande cabra, não era o verdadeiro nome da mulher. Escolhi-o ao acaso e só depois me dei conta de que tivera uma colega na escola secundária com o mesmo nome. Tanto quanto me lembro, tinha uma boa relação com ela, o que significa que nunca fomos além da conversa de circunstância. Ter escolhido este nome incomoda-me. Devo ter alimentado um sentimento negativo e subterrâneo contra a inocente rapariga, um desejo oculto de a violentar – de que me envergonho. Porém, devo falar sobre Ana Mendes, grande cabra, puta dum cabrão, viciada em trabalho, comprimidos para alergias e águas minerais com sabores, símbolo vivo da eficiência louvada por patrões, apresentada aos funcionários como modelo único de comportamento, estátua ambulante do sacrifício da vida pessoal, sagração de inexistência de vida para além dos relatórios de Excel, gráficos de vendas, stocks e facturas, monumento à infertilidade. Há momentos em que somos obrigados a conviver com pessoas de natureza tão distinta da nossa que bastam cinco minutos de contacto para percebermos que, cedo ou tarde, os diques que sustêm a hostilidade latente acabarão por ceder e quanto mais pressão pusermos sobre eles maior será a catástrofe. A questão que nos colocamos é a de saber se o ideal é passar de imediato para a fase de conflito declarado ou aguardar diplomaticamente

que, como dizem alguns entendidos nas matérias, as coisas sigam ao seu ritmo, na vã esperança de que uma relação franca e honesta, ainda que difícil, seja possível. A diplomacia, sabe quem já esteve na guerra, é um exercício de grande violência interior. No caso da minha relação com Ana Mendes, grande cabra, era notório que, de parte a parte, o esforço maior era aplicado na desesperante tarefa de não nos insultarmos. Talvez Ana Mendes, grande cabra, se esforçasse mais por estar habituada a destratar gerentes, a humilhá-los com toda a panóplia de injúrias profissionais de que fazia uso com especial arte e de ter em mim não um rival à altura (éramos, de facto, muito diferentes, eu do género contemplativo, capaz de fazer uma pausa e ir para as traseiras do edifício observar as vacas ordeiras que pastavam num campo próximo, ela do género hiperactivo, muito magra, as veias salientes, a condução agressiva – só metia a segunda quando ia nos quarenta), mas um ser de uma espécie diferente com a qual ela ainda não encontrara a forma ideal de comunicar. Enquanto não ganhava margem para me insultar, como fazia com todos os outros gerentes, aspergia sobre mim o seu desprezo.

Uma das estratégias mais comuns de Ana Mendes, grande cabra, era a de se dirigir aos funcionários que dependiam de mim (os que ela, acintosamente, quando estávamos a sós, chamava de «teus subordinados»), para os questionar sobre assuntos da minha responsabilidade. Fazia-o à minha frente, ostensiva e provocadora, minando com satisfação a minha autoridade. Estes conceitos de responsabilidade, autoridade, liderança, só por necessidade e dever profissional tinham sido incluídos no meu dia-a-dia. De manhã, quando me levantava, educava-me ao espelho, recordando a mim mesmo a importância de não dar demasiada confiança aos «meus subordinados», de manter uma distância razoável intercalando-a com momentos de proximidade ritual, deixando, a espaços, que eles suspeitassem do meu lado humano que, segundo o que alguns deles mais tarde me

disseram, era tão evidente que a pouca autoridade que eu possuía não vinha de outra coisa que não dessa transparência que eu julgava opaca. Resumindo: sem querer, eu até manifestava algumas características de líder que eram apagadas sempre que me esforçava por exibir um comportamento ao nível das minhas funções.

Ana Mendes, grande cabra, era um prodígio de instinto e cedo farejou as minhas fraquezas. Subira a pulso (não há expressão mais exacta para caracterizar a ascensão profissional e social de Ana Mendes, grande cabra, que aliás fazia questão de o repetir nos raros momentos de autocomplacência) num mundo de homens incompetentes, preguiçosos, satisfeitos com o duvidoso estatuto de «responsáveis de área», condescendentes, animados pela perspectiva de periodicamente foderem uma gerente de loja, vaidosos dos olhares amedrontados que os funcionários lhes dirigiam quando entravam na loja a meio da manhã, de óculos escuros, a prodigalizar sorrisos e bons-dias magnânicos. Esta rede oleosa de autocomprazimento masculino, tecida de cumplicidades de balneário, era o maior obstáculo ao triunfo de quem apostasse tudo na competência. Ana Mendes, grande cabra, conseguiu-o porque não só apostava na competência como enfrentava esse mundo escorregadio com segurança e frieza assassinas. Quando sentia a rede viril a apertar-se à sua volta respondia com fúria e, a maior parte das vezes, com razão.

A mim não me dedicava tanta atenção pois não me julgava digno desse dispêndio de energia, Ana Mendes, grande cabra. Percebi-o de forma dolorosa não no momento em que me comunicou que o contrato não seria renovado, mas noutra ocasião em que julguei que a nossa relação podia ser diferente. Nessa tarde fatídica, cometi a imprudência de «abrir o meu coração». A abertura cardíaca era estratégica. Confessei que tinha ido para ali por acaso, sem competências especiais, mas que, ao longo daquele ano e meio, desenvolvera gosto autêntico pelas funções e apreço pela equipa com que trabalhava. Hoje, tenho a certeza

de que Ana Mendes, grande cabra, quase deve ter vomitado ao ouvir-me. Ou, então, aquele relambório soou-lhe tão estranho que nem sequer se apercebeu do que eu acabara de dizer. Seja como for, aquela confissão pusilânime, sentimental e patética seria a última coisa no mundo capaz de comover uma mulher treinada militarmente para não se comover. Ana Mendes, grande cabra, sorriu:

«E a promoção dos tinteiros ainda não está anunciada porquê?»

Tive a certeza de que, se Ana Mendes, grande cabra, continuasse como responsável de área, o meu tempo como gerente de loja seria curto. E assim foi. Não posso negar que Ana Mendes, grande cabra, era dotada de um monumental par de colhões. Fez questão de ser ela a comunicar-me a não renovação do contrato. Não me atirou para uma reunião bizarra com a gorda dos recursos humanos, rapariga muito sensível que olharia para mim com lágrimas nos olhos, lamentando não poder fazer nada para alterar a situação mas disponibilizando-se para me ajudar no que fosse preciso. Sei-o porque nem o voluntarismo nem a coragem física de Ana Mendes, grandíssima cabra, me pouparam a essa sessão constrangedora entre o masoquismo e a sociologia do trabalho, que decorreu a tempo e horas e com todas as palavras, mesmo as que deveriam ser sinceras, a sucederem-se com previsibilidade burocrática, como se a gorda dos recursos humanos, com toda a sua cetácea humanidade, e eu, com o meu desespero mudo e imbecil, estivéssemos a seguir com denodo um guião idiota em que até os imprevistos, como a hesitação entre a despedida com dois beijinhos ou um aperto de mão, tinham todo o ar gasto das situações repetidas.

Poupar o senhor Neves a este ajuste de contas tardio terá sido a melhor opção porque ele aproveitou para me falar de problemas familiares, separações, a doença do neto mais velho. Foram vinte minutos após os quais me senti aliviado de um peso imaginário, como no fim de uma operação stop em que o

polícia verificou tudo menos aquilo que tínhamos em falta. Foi como se pudesse aceitar com resignação saborosa o facto de não estar ali a prazo.

O peso regressou quando, ao sair da drogaria, olhei para a marquise da antiga casa da família Machado. Um dos vidros estava partido. Espreitando pela fenda casual, via-se o estado de abandono da casa. A desolação da bancada da cozinha, a sombra fuliginosa a assinalar o antigo sítio do esquentador. Era estranho pensar que a filha mais nova dos Machados estava muitas vezes ali, à janela, com o seu grande sorriso de dentes tortos e, dois andares acima, Susana exibia um sorriso incomparável que, aos pobres que a admirávamos, nos consolava e aquecia como um sol de Outono frio.

Susana. Os amores de infância duram para sempre, como múmias. São mausoléus erigidos à própria ideia de amor. Cuidamos deles como da campa de um ente querido, sabendo que debaixo da terra só há ossos, ossos e mais terra. A sua força é tão maior quanto menos real for o seu objecto. Susana. Uma recordação, uma menina a acenar e a sorrir numa janela. Assim que desaparece, o amor instala-se. Um amor coberto de memória e, por cima, outra camada de amor, que pode ser a lembrança de outro amor mais recente que serve para envernizar aqueloutro, velho e oxidado, o que não morre, relíquia de si próprio. Ao olhar para a casa outrora habitada pela família Machado revi, como se olhasse por um caleidoscópio, os dentes tortos da filha mais nova, a bela Susana, a infância, as mãos sujas de terra, o Espanha-Argélia do Mundial de 1986 em diferido na RTP2, a minha mãe a roubar rosas de uma sebe com o corta-unhas que trazia na bolsa.

Resolvi prosseguir o meu passeio casual, sem objectivo definido, um vaguear que me começava a ser agradável. Fui até ao centro comercial. À entrada, como um guarda do Palácio de Belém, estava o sujeito a quem, por não sabermos o seu

verdadeiro nome, chamávamos Joe, o *Índio*. Alto, cabelos compridos, olhos verdes, colete, calças de ganga desbotadas, mocassins. Nunca ouvi a sua voz e acho que nunca o vi noutra cenário: um apache exilado, à porta do centro comercial, a olhar para o fundo da rua. Passei por ele como se estivesse a passar por uma figura de cera. No interior as mudanças eram muitas, embora não se pudesse falar de evolução. A tremeceira onde um dos irmãos metalheiros trabalhou durante vários anos já não existia. Uma das papelarias, a do senhor Aires, fechara e fora substituída por uma loja de telecomunicações de dois indivíduos paquistaneses ou semelhantes à ideia que faço dos paquistaneses e do tipo de actividades a que, com algum grau de certeza, se dedicam. No piso de baixo havia agora uma enorme frutaria chinesa que, averigui depois, apresentava preços tão competitivos que os clientes suportavam com estoicismo a proibição de tocarem na fruta. As duas lojas de electrodomésticos tinham fechado. Uma estava para trespassar. Na outra tinham-se instalado, de modo incompreensível, duas jovens advogadas que imaginei generosas, optimistas e condenadas a procurar, a breve trecho, um part-time num call center. A maior parte dos cafés continuavam abertos, o que só reforçava a impressão da passagem do tempo. Uns mantinham gerência, clientela e mobiliário – mas em versão desactualizada, envelhecida. Outros tinham mudado de gerência e realizado obras de modernização sem efeitos práticos. Era tudo lúgubre, com um vago odor a especiarias e, estou em crer, a farinha de mandioca, peixe seco e produtos para o cabelo. Os donos estavam à porta, na esperança de servirem de íman para eventuais clientes, ou espreitavam do lado de lá do balcão, na maior parte do tempo distraídos, de um momento para o outro sobressaltados pelo barulho de alguém que, contrariando todas as probabilidades, entrava no estabelecimento. Um observador impressionável saudaria o ambiente multicultural, louvaria a presença de um polícia à porta do minimercado, falaria de um novo mundo de nacionalidades diluídas e restantes

ejaculações de uma ingenuidade deletéria. Para mim, a necessidade de um polícia à porta de um minimercado era prova evidente de insegurança. Tudo me pareceu tingido de um exotismo artificial, uma babel de carregadores de telemóvel e laranja do Algarve vendida sem convicção por naturais da província de Sichuan, como uma terra de ninguém criada para pessoas de lado nenhum: uma terra governada por alguém como Joe, o *Índio*, seu símbolo heráldico.

Nos dias seguintes procurei cultivar a regularidade de hábitos necessária quando se enfrentam períodos de inactividade ou desorientação. Todas as manhãs, depois de beber um iogurte magro e comer uma peça de fruta, ordinariamente uma maçã starking comprada na frutaria chinesa ou trazida pela minha mãe do refeitório da escola, ia correr para o pinhal, vinte minutos, meia hora. Até a mata perdera a aura um tanto misteriosa de palco imaginado de macumbas e de relações promíscuas. As árvores permaneciam. A variedade era escassa e as copas não tão frondosas que oferecessem ao pinhal a cúpula que o isolaria do mundo. De onde quer que se olhasse era possível ver uma marca da civilização, um poste eléctrico, o topo de um dos prédios do bairro, o rumor de um carro. A ameaça de ali se construir uma urbanização nunca se concretizara e não se tinham registado alterações, excepto o que eu entendia ser a natureza do local.⁶ Não havia o risco de alguém se embrenhar no pinhal e não encontrar a saída. A possibilidade de uma aventura era remota e dependia, em larga medida, do empenho de

⁶ A espécie predominante era o pinheiro-bravo (*Pinus pinaster*). Os raros exemplares de pinheiro-manso (*Pinus pinea*) eram valorizados por causa dos pinhões. De dois ou três sobreiros (*Quercus suber*) vimos homens antigos a retirar a cortiça no mês de Maio de 1988. Meses antes realizara-se no pinhal uma prova de corta-mato de dimensão nacional. Uma equipa da RTP acompanhou o evento e, no final, entrevistou os vencedores e um ou outro curioso. A curta reportagem passou no Domingo Desportivo. No dia seguinte foi assunto de muitas conversas.

cada um em vivê-la. Tudo o que se contava tinha sempre mais intensidade nas palavras do que na realidade. Era obrigado a constatar que o local que tanto temíamos e nos fascinava na infância era um sítio desoladoramente igual a qualquer outro, sem mistério, sem alma. A sua utilidade era a de me permitir correr longe de testemunhas. Das raras vezes que praticara desporto na minha vida, fizera-o sem particular satisfação ou alegria. A ideia de correr sozinho durante uma hora sempre me parecera absurda, actividade maníaca, sinal de declínio mental, até de indiferença para com os meus semelhantes. Continuar a fumar era a única prova de que ainda não enlouquecera.

Após esse período em que me entreguei à corrida, não sem antes ter lido relatos de atletas amadores sobre os efeitos espirituais, reformulei a minha opinião. Correr era fugir do problema e confrontar-me com o problema. Humanizou-me. Cresci enquanto pessoa (gosto muito destas expressões). Lamentavelmente, destruí os joelhos. Do que gostava mais era de sentir o frio da manhã, os pássaros nas árvores e outros ruídos que não identificava. Arrastados pelo vento, restos de jornal esvoaçavam. Via fogueiras apagadas, detritos, colchões velhos, manchados, esventrados pelas próprias molas já ferrugentas.

Pela primeira vez desde a infância, corri o risco de me tornar uma pessoa saudável, com a excessiva dose de optimismo ostensivo típico dos idiotas. De um momento para o outro, sem razões que o sustentassem, cresceu em mim o sentimento de que viveria para sempre ou de que nunca ficaria doente.⁷ Depois de

⁷ Já me tinha acontecido acreditar, durante alguns meses, que era alguém a salvo de doenças e de acidentes graves, destinado a realizar grandes feitos que ainda não conseguia antever porque o poder superior responsável pela minha escolha não me sobrecarregara com o dom da clarividência. Esta minha teoria caiu por terra quando estive internado no hospital durante dois meses vítima de uma violenta e misteriosa infecção gástrica que tão inesperadamente como surgiu assim retrocedeu, deixando a equipa médica que me acompanhou atónita por ter alcançado o resultado da minha

correr, tomava banho e ia ao café com a alegria indefinida de ser atendido por aquela rapariga bonita que eu julgava conhecer. O nome, vim a saber, era Carla.

Talvez por motivos relacionados com o meu metabolismo e com um trânsito intestinal regularizado, a cada dia Carla me parecia mais desejável, como se o convívio diário fosse estabelecendo entre nós uma corrente invisível de desejo que, como é habitual nestes casos incipientes, se manifestava numa simpatia genuína que poderia ser alegada por qualquer um de nós como desculpa na eventualidade de nos precipitarmos para conclusões amorosas não correspondidas. Devo dizer que sempre considerei esta antecâmara do amor, este bem-estar incerto, os indícios de um sentimento recíproco, o período mais proveitoso das relações entre homem e mulher – e a prova disso é que, depois de quebrado o mistério, quando as certezas do corpo se afirmam sobre as suspeitas do espírito, os amantes tentam sempre regressar a esse momento inicial da inocência possível.

Não falávamos. Bastava o convívio silencioso com Carla, o facto de ela estar ali, o cheiro cítrico que se desprendia do seu corpo. Era o suficiente para me animar. De resto, imaginava. Tinha vontade de a levar pelos caminhos de que me recordava, de percorrermos descalços a horta do meu avô, no tempo em que as hortas ainda não tinham sido destruídas para que novas e largas estradas se construíssem, sujar os pés de pó, o mesmo pó que se elevava e cobria as nêspersas que comeríamos, bichos naturais, a chave pequena no cadeado da porta da barraca, o cheiro a palha molhada, a coelhos, as mãos em concha para refrescar a cara com a água barrenta do poço, andar de bicicleta à torreira, sem destino certo, até um sítio tão longe de casa

cura sem compreender à luz da ciência e das boas práticas médicas o que tinha feito que concorresse para tal desfecho. Na minha análise rústica, a cura tanto podia ser atribuída aos vários medicamentos a que fui exposto como ao hábito de dormir de barriga para cima e de janela aberta.

que, ao chegarmos lá, já não fôssemos nós e já passasse da hora do jantar e da hora em que as nossas avós gritam à janela, e o que vejo neste passeio imaginado é o corpo robusto de uma avó qualquer a abrir muito a boca e a não emitir som algum, perder o autocarro que saía às três, o sol refulgente a bater nesse vidro, adoecendo-nos de uma febre passageira, a anestesiá-los como a insectos frágeis e então já não conseguimos despertar, e eu estou no café e queria que Carla fosse o arbusto na fotografia em que tenho cinco anos e estou na Figueira da Foz, queria que Carla fosse esse arbusto magnífico ao meu lado e o sol que me castigava, o sol que me queima em Julho na Figueira da Foz e aquela mão que segura a porta de um carro já não é minha porque a minha mão é a que escreve «Carla» e Carla materializa-se como um milagre súbito e luminoso, embora a realidade seja baça e mais escura do que o desejável, e o clarão que ilumina todos os sonhos, que ilumina as vidas dos sobreviventes de Hiroxima, nunca dure mais do que instantes fugazes, sórdidos. Ao contrário das fotografias, a realidade tem pouca luz.

O resto da manhã era passado na biblioteca, a ler os jornais, a pesquisar com indolência os classificados e os anúncios de emprego, achando graça à simultaneidade de certos requisitos complexos com o valor ridículo da retribuição oferecida. Estava obrigado a apresentar-me no Centro de Emprego com abundantes provas dos meus tenazes esforços para abandonar a condição de desempregado. Respondi a ofertas que não me interessavam e não respondi a outras por pensar que estaria a provocar a sorte. Este comportamento reduziu em grande parte as hipóteses de ser chamado para entrevistas de emprego, o que, tendo em conta algumas experiências, só posso lamentar por não ter podido acumular mais situações vexatórias. Numa dessas ocasiões investi uma parte das poupanças na compra de um fato, já que o único que tinha – um de cerimónia – me dava o ar deslocadamente festivo de comensal. Era uma empresa de recrutamento que anunciava ter como clientes empresas fulcrais dos sectores em que

operavam. Esperei sentado numa sala de paredes de vidro de onde se pode observar toda a gente que ali trabalha, embora se evite fazê-lo, e onde se fica à mercê dos olhares de toda a gente que ali trabalha, embora todos finjam não o fazer. Nesses locais de hediondo profissionalismo, há sempre uma máquina de café cuja mecânica e destinatários nunca são os mais óbvios, o que produz uma repentina vontade de não beber café. Ao fim de alguns minutos de indecisão, opta-se com sensatez por um copo de água. Quando já estava a perder a paciência, fui chamado por um rapaz que parecia contente por só se ter atrasado quarenta minutos:

«Bruno Eugénio.»

Aparentava estar muito feliz por ter finalmente oportunidade de falar comigo. Faltava-lhe um incisivo, mas essa lacuna incomodava-me mais a mim do que a ele. Desdobrou-se em «poraquis» e «porfavores», perguntou a uma colega se «a s.21» estava livre e fez uma piada sobre outro colega que costumava ocupar salas sem ter feito a marcação, um hábito que logo percebi ser muito malvisto na empresa. Entrámos na s.21. Fiquei na s.21. Bruno Eugénio saiu. Quando regressou vinha munido de um gordo dossiê.

«Bem, vamos lá então.»

Lançou-se num impetuoso intróito em que fiquei a saber que aquele era o melhor trabalho que Bruno Eugénio alguma vez tivera e que, apesar de só estar ali há um mês e meio, via-se a trabalhar naquela empresa para o resto da vida porque «aqui valorizam o mérito e isso é fundamental, não achas?» Eu até achava, mas ainda estava a tentar perceber se havia alguma razão lógica para ele me ter começado a tratar por tu.

«Pronto, tens experiência de trabalho no estrangeiro, não é verdade?»

Era verdade, sim, embora eu também não percebesse como é que ele obtivera a informação. Há muitos anos, trabalhara durante um mês numa estação de serviço na M3, que liga Sunbury-on-Thames a Southampton. Este facto não constava em

nenhum dos meus CV e, para dizer a verdade, eram poucas as pessoas que dele tinham conhecimento. Fiquei impressionado com as fontes de Bruno Eugénio e, absurdamente, desconfiei que a informação lhe tivesse sido passada pelo gerente, Steve, a quem os outros chamavam «queasy», ou por Lisa, ruiva baixinha que namorava um músico jamaicano que, segundo testemunhos da própria, era dotado de um imponente membro viril. Disse-lhe que era verdade, mas fiz questão de mencionar que fora por pouco tempo, não fosse ele pensar que eu estava a exagerar o valor de uma experiência internacional modesta.

«Mas também estiveste na Holanda, não foi? Deixa ver... Numa empresa de embalagens de flores.»

Isto é que já não era verdade e tive de o dizer porque havia a possibilidade, cada vez mais forte, de a entrevista e a simpatia de Bruno Eugénio assentarem numa lamentável troca de identidades. Isso não me impediu de desejar, por segundos, que Bruno Eugénio tivesse razão e eu, a exemplo do caso de Penacova, é que já não me lembrasse de ter trabalhado na Holanda, a embalar tulipas. Por momentos, quis ser a pessoa daquele curriculum. Se eu tivesse mesmo trabalhado nos arredores de Roterdão, por exemplo, muitos dos meus problemas não teriam ocorrido, pensei – um pensamento mágico e infantil que me emocionou quase tanto como a hipótese de, sem ter consciência disso, ter passeado, há anos, pela Pannekoekstraat, numa amena tarde de Outono. O engano e o meu devaneio duraram pouco. Apercebendo-se do erro, Bruno Eugénio pediu desculpas pela confusão. Não conseguia perceber por que razão me chamara para a entrevista visto que precisava mesmo era de pessoas com experiência de trabalho no estrangeiro, e quando dizia experiência não queria dizer um mês accidental nas bombas de gasolina de uma auto-estrada inglesa, por interessante que tivesse sido a fauna humana à volta do candidato.

Talvez por inconsciência, nunca entrei em pânico por estar na situação de desempregado. Era como que uma ocorrência

exterior que eu contemplava com ironia suave, desligado de mim. Há certos momentos das nossas vidas (e eu tinha a sorte de já ter experimentado os extremos do espectro), tão felizes ou tão desgraçados que a ideia de altos & baixos desaparece. Em ocasiões semelhantes, todo o ambiente à nossa volta é tão homogéneo, seja translúcido ou opaco, que nos impede de ter uma percepção correcta do lugar em que nos encontramos. Há momentos em que subimos tanto que não é possível manter-se a noção de altitude. Por outro lado, há momentos em que tudo corre tão mal que a ideia de que existe um mundo lá em cima nos abandona e a tristeza deixa de pesar, como se as leis universais ficassem suspensas, à espera de que a nossa vida se resolva para só então voltarem a impor a sua serena e inquestionável autoridade.

Na altura não me ocorreu que esta indiferença pudesse ser um sintoma de distúrbios psiquiátricos, até porque não conhecia a publicação da Associação Americana de Psiquiatria que, de tempos a tempos, publica um livro em que os cataloga. A específica apatia perante o desemprego reúne, à partida, as condições para integrar a lista. Não a vejo como inferior ao distúrbio do consumo de tabaco. A identificação de outros sintomas poderia contribuir para a sua canonização clínica. Por exemplo, em certas ocasiões eu era tomado pelo velho espírito procrastinador, um mal de que eu pensava estar livre nas vésperas do meu casamento. As corridas matinais, os cuidados com a alimentação, a própria ideia de higiene mental tornavam-se de novo os conceitos mais absurdos e patéticos, como se não passassem de uma luta contra um adversário que nem sequer existia ou que, existindo, não se dignava a aparecer. Nesses dias lúcidos, ficava em casa o dia inteiro, de pijama, a beber chávenas de café, em doce e imaginária convalescença. Via filmes antigos, fixava a textura rugosa do móvel atrás da televisão, lembrava-me do local exacto de uma mancha na alcatifa que há muitos anos cobria o chão da sala, enumerava as diferentes cores que tinham coberto as paredes de cada divisão da casa.